



Bolsistas de Ghana na Universidade da Bahia (texto na pág. 11)

CAPES

**BOLETIM INFORMATIVO DA CAMPANHA NACIONAL DE
APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR**



**COMISSÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL
DE NÍVEL SUPERIOR**

Presidente
Antônio Ferreira de Oliveira Brito
Ministro da Educação e Cultura

Secretário Geral
Anísio Spínola Teixeira

Membros :

- Waldyr dos Santos**
— Departamento Administrativo do Serviço Público.
- Ernesto Luiz de Oliveira Júnior**
— Comissão Nacional de Assistência Técnica.
- Manoel Frota Moreira**
— Conselho Nacional de Pesquisas.
- Joaquim Faria Góes Filho**
— Confederação Nacional da Indústria.
- Maurício Magalhães Carvalho**
— Confederação Nacional do Comércio.
- Aldo Batista Franco**
— Banco do Brasil S. A.
- Luís Narciso Alves de Matos**
— Fundação Getúlio Vargas.
- Lourival Câmara**
— Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- Anísio Spínola Teixeira**
— Ministério da Educação e Cultura.

**CAMPANHA NACIONAL DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL
DE NÍVEL SUPERIOR**

Secretário Geral
Anísio Spínola Teixeira

Diretor de Programas
Almir de Castro

Av. Marechal Câmara, 210-8º e 9º andares — C. postal, 5185
- End. teleg. EDCAPES - Tel. 52-9072 - Rio de Janeiro - Brasil

A ADMISSÃO AO ENSINO SUPERIOR

Anísio Teixeira

O ensino superior brasileiro, que compreendia até 1930 tão só as escolas profissionais de medicina (incluindo cursos de farmácia e odontologia), direito, engenharia, agronomia e veterinária e de formação militar, visava à educação da elite brasileira, recrutando seus alunos na classe dominante e selecionando-os pela capacidade de adaptar-se à disciplina escolar, comprovada pelo êxito no curso secundário, de tipo propedêutico ao ensino superior. O número de alunos que procurava o ensino superior era pequeno e correspondia praticamente aos aprovados no curso secundário.

Com a expansão deste ramo do ensino a partir de 1930 (passou de 48.000 alunos em 1931 para 407.000 em 1950 e 868.000 em 1960), surgiu o problema de admissão ao curso superior. Expandira-se dentre os vários tipos de ensino médio aquele ensino de caráter propedêutico, destinado à cultura geral e acadêmica, cujo objetivo não se completaria sem a formação de nível superior. Todos os que o concluíam, aspiravam, portanto, a entrar na universidade.

A solução lógica seria dar o certificado de conclusão do ensino secundário direito à escola superior. A organização do ensino secundário obedecia a este propósito. Por que, pois, a seleção pelo concurso vestibular?

Para explicar o fato, torna-se necessário recordar que a sociedade brasileira nunca manteve um sistema escolar contínuo, que conduzisse o estudante do ensino primário ao superior. A escola primária e as escolas vocacionais, inclusive a escola normal, constituíam um sistema, o sistema "popular" de educação. O outro sistema, era o do ensino superior para a elite, incluindo a escola propedêutica ao ensino superior, a chamada escola secundária, organizada por lei federal e mantida em poucos estabelecimentos públicos. As escolas secundárias privadas eram obrigadas a obedecer aos padrões federais dessas escolas públicas, ou a enviar seus alunos a exames de estado nesses estabelecimentos. Sobre a eficiência e a adequação de tais escolas ou exames sempre foi grande a controvérsia

pública. Para o ingresso ao ensino superior, de onde partiam as críticas mais vivas passou então a ser exigido **nôvo exame**, pelo qual se faria a revisão dos resultados escolares da escola secundária. Além de estabelecer a lei, para esta escola, padrões difíceis de ser atingidos, a fim de restringir a sua expansão, criou-se a barreira do exame vestibular. Até 1930, só havia um estabelecimento secundário público por Estado. As demais escolas desse ramo eram escolas privadas, mantidas para atender clientela selecionadas que as pudessem pagar. Dêste modo, confianavam-se as oportunidades de ensino secundário e limitava-se o mesmo às camadas abastadas. O exame de entrada à escola superior operaria a última seleção. Tal seleção, sem deixar de ser intelectual, era sobretudo social, para o que bastava dar aos estudos caráter tão geral e acadêmico que somente alunos de certo **status** social pudessem deles ter a necessária experiência e a eles se adaptarem.

Com as novas forças sociais surgidas com a revolução de 1930, romperam-se essas barreiras e a escola secundária veio a expandir-se tumultuadamente. Para se defender da entrada maciça desses novos alunos, que fatalmente a transformariam, com os novos interesses e aptidões diversificados das camadas sociais de que provinham, não teve outro recurso a escola superior senão o de dar caráter competitivo ao **concurso vestibular** e assim oferecer um último obstáculo, a última trincheira, suscetível de resguardá-la e ajudá-la a manter a antiga identidade de escola para a elite social já existente e não para a formação de novas elites.

Aumentou-se, dêste modo, a distância entre a escola secundária e a superior. Na realidade, a escola superior passou a não reconhecer a escola secundária. As duas escolas constituíam **dois** sistemas escolares.

Enquanto assim se prepararam as escolas superiores para resistir à sua própria expansão, as forças sociais atuantes no país continuaram a operar em sentido diametralmente oposto, promovendo dinamicamente oportunidades de educação secundária para a classe média em expansão.

Com efeito, enquanto a escola primária, de caráter popular, nos últimos trinta anos, expandiu-se apenas 300% e se conservou isolada do sistema de ensino secundário, este, antes destinado à elite, expandiu-se em quase 2000% entre 30 e 60. Além dos contingentes assim cada vez maiores de aspirantes ao ensino superior, provenientes da escola secundária, a partir de 1950, as próprias escolas médias vocacionais, de caráter anteriormente popular, e que continuavam a escola primária, conseguiram obter equiva-

lência com o ensino secundário acadêmico e, dêste modo, aumentar ainda mais o potencial de candidatos ao ensino superior.

É visível, pois, que entre 1930 e 1960 o que se processou no país foi um avanço da classe média em busca do ensino superior, antes reservado apenas às classes altas. A escola superior, entretanto, manteve-se imperturbável no propósito de resistir a tal expansão. Sobretudo as escolas mais antigas firmaram-se nessa atitude. A expansão **quantitativa** das escolas superiores representou uma reação contra essa resistência. Como as escolas tradicionais, adotando o "numerus clausus", em vez de se ampliarem, reduziram sua capacidade de matrícula, criaram-se novas escolas, em condições muitas vezes inferiores às que se produziriam se se ampliassem as antigas, ou as em que funcionavam estas escolas tradicionais quando não limitavam suas matrículas.

Não podemos deixar de considerar tais aspectos sociais da expansão educacional brasileira, se desejamos explicar as contradições que o problema da admissão à Universidade apresenta. Tais contradições são, entre outras, as do estabelecimento do "numerus clausus" de natureza especiosa nos exames de admissão, e ao mesmo tempo, expansão indiscriminada de escolas superiores; a do não-reconhecimento da eficácia do ensino secundário pela universidade e, ao mesmo tempo, grande expansão desse ensino, em condições cada vez mais inadequadas; a da criação de uma escola "oculta" — os cursos de preparo ao vestibular — sem reconhecimento oficial, resultante das exigências cada vez mais restritivas de ingresso ao ensino superior, cobrando anuidades cada vez mais altas e, dêste modo, dificultando o preparo de alunos pobres, e, ao mesmo tempo, a manifesta ineficiência dos estudos superiores, com professores de tempo parcial, alunos também de tempo parcial, e condições de trabalho e equipamento consideravelmente inadequados.

Em todo o processo vigente de admissão, pouco existe que contribua para realmente escolher-se o candidato de aptidão intelectual. Melhor o compreenderemos se o encararmos como um **processo técnico de limitar, de qualquer modo, o número dos candidatos à admissão.**

Para confirmar esta interpretação, basta notar que nenhum exame tem validade geral, reivindicando cada escola o seu próprio exame e os seus próprios métodos de limitar a matrícula. Depois de matriculados, pas-

sado pelo menos um ano de curso, o aluno pode transferir-se de uma escola para outra, mas, nem por isto aceita uma escola os resultados dos vestibulares de outra, ainda que disponha de vagas na primeira série.

O pessoal que organiza os exames vestibulares constitui-se de professores das escolas superiores, geralmente das primeiras séries do curso, que não têm experiência do ensino secundário, nem se consideram adstritos aos resultados desse ensino. O exame versa realmente sobre matéria do ensino superior, mesmo quanto a línguas estrangeiras, em que se oferecem textos técnicos a serem vertidos ou traduzidos.

Desta forma, o exame não atinge o seu objetivo de selecionar os mais capazes, transformando-se antes num crivo de dificuldades técnicas, que limitem o número de candidatos susceptíveis de entrar na universidade.

Tal situação geral está, entretanto, longe de ser pacífica. E à luz do permanente debate e dos estudos que propõem alternativas de solução, começa a se formar a opinião pública. Vencidas as resistências tácitas ou inconscientes, é de crer venha a criar-se um serviço de conselho e orientação que examine as aspirações e aptidões de todos os candidatos e ofereça oportunidades de ensino superior a todos que estejam em condições de fazê-lo, encaminhando-se, assim, a solução do problema. Tal solução exigirá que a escola superior se entenda com a escola secundária e proceda à classificação dos candidatos, a fim de encaminhá-los às oportunidades diversificadas de ensino universitário.

Entre as soluções alvitradas, predomina a da adaptação do currículo secundário, na última série, ao exame vestibular, a da criação do "ano vestibular" nas universidades e a da transformação do próprio concurso vestibular em exame pelo qual se classifiquem os candidatos e se distribuam os mesmos pelos cursos a que melhor se adaptam.

Tais medidas se terão de conjugar com o movimento para a diversificação dos cursos de nível superior, a fim de oferecer oportunidades mais variadas aos candidatos, após um possível curso comum, nos primeiros anos da escola superior, capaz de operar como processo de exploração das aptidões para a redistribuição posterior dos alunos pelos múltiplos cursos superiores.

FORUM DE OPINIÕES

À Espera de Milagre

O jornalista Hélio Fraga escreveu no **Diário de Minas** (BH, 2/11), a propósito da Cidade Universitária:

«Dezenove letras e a estrutura de alguns edifícios junto à Pampulha traduzem o mais antigo anseio dos estudantes mineiros: a Cidade Universitária. Não passou, ainda, da promessa à realidade: enquanto todas as Faculdades construíram prédios novos no centro, a Cidade Universitária está inacabada. O terreno, às margens da av. Antônio Carlos, tem dono há vinte anos: no governo Benedito Valadares deliberou-se que ela seria construída junto à Pampulha, embora houvesse uma grande área (em Santo Agostinho) na cidade. A venda dos lotes, que vem sendo feita, teria como fim custear a construção da Cidade Universitária. Com a federalização da Universidade de Minas Gerais, foram prometidos todos os recursos para a conclusão das obras. E hoje, alguns anos depois, existe somente a estrutura do prédio da Reitoria e do conjunto residencial. De concreto, apenas o Instituto de Pes-

quisas Radioativas, com o reator atômico «Triga».

Enquanto as obras da Cidade Universitária ficaram paralisadas, todas as Faculdades construíram suntuosos edifícios no centro de BH. Os lotes da UMG vão sendo vendidos, os estudantes batem-se em campanhas sucessivas pró-construção, e a Cidade permanece como esperança a longo prazo: não se sabe quando ficará pronta. Na verdade os recursos da UMG estão sendo aplicados na construção dos edifícios centrais, enquanto a Cidade Universitária permanece relegada a segundo plano. A UMG, que recebe por ano Cr\$ 80 milhões, é uma das que têm menor dotação orçamentária: a Universidade do Brasil recebe anualmente Cr\$ 970 milhões, a Universidade do Recife Cr\$ 411 milhões, a do Paraná Cr\$ 300 milhões e a do Rio Grande do Sul Cr\$ 360 milhões. O dinheiro que vem não chega à Cidade Universi-

tária. Porque isso ocorre, estudantes continuam morando em **repúblicas** sujas e sem conforto, quando o conjunto residencial da Pampulha poderia estar pronto há dois ou três anos. A unidade universitária, por ora, é apenas um alvo inatingido: distantes umas das outras, as diversas escolas superiores não vivem a comunhão dos ideais nobres e dos anseios comuns.

Há vinte anos a Cidade Universitária é uma esperança para aqueles que vivem longe da família e passam cinco ou dez anos na Capital completando o curso secundário e cursando a Universidade. Mais que o desolador aspecto das estruturas inacabadas ou dos prédios que não passaram da armação em cimento e ferro, há o problema social e humano dos estudantes, que anseiam pela sua cidade, o seu lar. Cabe ao Reitor Orlando Carvalho, que já externou por diversas vezes seu propósito de concluir as obras da Cidade Universitária, maior parcela de responsabilidade no término da construção: sua gestão à frente da UMG poderá marcar-se pelo signo da redenção da classe universitária, com o término das obras da Pampulha.»

Aumento de Vagas

Em discurso pronunciado na Câmara, o deputado Fernando Ferrari analisou dados do Serviço de Estatística da Educação e Cultura na referente aos cursos de Medi-

cina, a fim de reforçar os seus argumentos em favor de maior número de vagas nas escolas de Medicina e Engenharia.

«Que querem êsses estudantes?» — perguntou o deputado, comentando a campanha estudantil por novas oportunidades de estudo. — «Apenas que o número de vagas nas Faculdades que pretendem frequentar seja ampliado».

Notando que, em 1961, as Faculdades de Medicina matricularam mais 49 alunos, apenas, do que no ano anterior, o deputado afirmou que o total geral (10 365) «significa apenas 15 estudantes de Medicina para cada 100 000 brasileiros», índice baixíssimo em comparação com o de outros países da América e da Europa. «Na Engenharia, os índices não são menos contristadores».

E acrescentou:

«Há no Brasil cerca de 1 500 municípios, quase a metade do total das comunas brasileiras, que não têm a ventura, o privilégio de possuir um só médico. ... Pergunto se uma Faculdade de Medicina que se aparelha para educar, para formar 50, 100 médicos, não poderia, com um pouco mais de boa vontade, com algum recurso pequeno a mais, preparar 150 ou 200? Pergunto que prejuízo advirá para o Brasil com a ampliação das vagas das Faculdades de Medicina e de Engenharia?»

Muitos estudantes passam nos vestibulares, mas são eliminados na seleção final, olhando a Universidade sem poder atingi-la, —

«num país onde se deveriam implantar cursos rápidos, de tempo integral, como ocorre na América do Norte, para formar médicos e engenheiros para desenvolver o país...»

Vagas no Ensino Superior

A imprensa carioca apoia e aplaude a campanha estudantil por maior número de vagas nas escolas de Medicina.

Enquanto o **Jornal do Comércio** considera «meritória» a campanha, o **Correio da Manhã**, noticiando as inscrições — em especial do Obelisco da Av. Rio Branco — em que os estudantes exprimem o seu desejo de cursar Medicina, declara que «a sua mensagem é tão autêntica» que ninguém ousou apagá-las, pois revelam «um crime que se comete contra a população do país, negando-se médicos para tratá-la». E justifica-as, afirmando: «Os moços pedem vagas nos estabelecimentos de ensino médico porque há 10 anos eles formam o mesmo número de profissionais: 10 000. Neste mesmo período, a população do país aumentou de 50 para 70 milhões de habitantes».

O **Diário de Notícias**, que considera «justa» a campanha, estende-a também a outros setores do ensino superior. Lembrando o enorme **deficit** de médicos no Brasil, o diário escreve que mesmo no Rio de Janeiro persiste «o quadro nada competitivo, mas sim elimi-

natório, de 4 500 candidatos para 280 vagas», declarando que «nenhuma estatística será capaz de convencer-nos desta infima percentagem de elementos intelectualmente válidos para o bom exercício profissional». E anualmente acusamos um **deficit** de 7 000 engenheiros. Enquanto, no ano passado, formávamos 33 geólogos, a China Popular formava 2 000.

«Com êstes índices, como vencer a batalha da produtividade e da diversificação da produção industrial, como racionalizar, sistematizar e intensificar a atividade extrativa, como mobilizar nosso potencial no campo da química industrial, como nos aparelharmos para uma indústria de construção naval, para a formação de quadros técnicos para a Petrobrás e as refinarias particulares? ... As nossas escolas superiores estão pessimamente aparelhadas e desligadas da realidade econômica e social do país. O Ministério da Educação, obsoleto e mumificado, precisa ser sacudido para acordar de seu profundo sono burocrático».

O Custo do Ensino Superior

O deputado Paulo Sarazate, relator do orçamento do Ministério da Educação e Cultura, declarou que cada universitário custa à União, em média, 1 200 cruzeiros diários.

Até 1961 as verbas para fins educacionais foram dedicadas, em

mais de dois terços (73 %), ao ensino superior, cabendo ao ensino primário 11 % e ao ensino médio (secundário, comercial e industrial) o restante. O deputado Paulo Sarazate apontou a necessidade de uma campanha urgente de erradicação do analfabetismo num país onde mais de 18 milhões de pessoas não aprendem a ler e escrever na época própria.

O relator indicou os seguintes elementos como responsáveis pelo desmesurado crescimento das verbas do ensino superior:

— o excesso de federalização de escolas superiores;

— a destinação de recursos vultosos para obras e equipamentos científicos e tecnológicos nas Universidades federais, criadas, na sua quase totalidade, sem uma base física adequada;

— a majoração de vencimentos do magistério e a ampliação dos seus quadros com assistentes e instrutores em número avultado.

Das 406 escolas superiores em funcionamento em 1961, somente 36 (menos de 10 %) registraram matrícula superior a 500 alunos; nas restantes os índices são tão baixos que chegam a atingir a média de um professor por aluno.

Espírito Universitário

Talvez com exceção de S. Paulo, — escreve o **Diário de Notícias**, do Rio (13/11), — «não temos ainda

um verdadeiro espírito universitário no Brasil».

Há 406 escolas de nível superior no país — mais do que na França, na Itália ou na Alemanha:

«A inflação de Faculdades, onde avulta o irracional aumento do número de Escolas de Filosofia, começou com o governo Dutra, quando era Ministro da Educação o sr. Clemente Mariani, em cuja gestão foram federalizados cerca de 20 estabelecimentos de ensino superior. Hoje raro é o mês em que o governo não autoriza o funcionamento de uma Faculdade de Filosofia».

Ora, a pesquisa científica é «a tarefa que caracteriza uma real Universidade». Com pessoal e verbas insuficientes, o Conselho Nacional de Pesquisas não pôde assumir a direção dessa tarefa. «Para acelerar o processo de mão-de-obra especializada criou-se a COSUPI, cujas deficiências vêm sendo denunciadas por importantes setores da ciência brasileira. Depois de criada a COSUPI, multiplicaram-se dentro das Universidades os Institutos especializados, cujo rendimento tem sido mínimo».

O **Diário de Notícias** argumenta:

«Os órgãos de pesquisa do Ministério da Educação têm caracterizado com rara proficiência os males e as distorções do nosso ensino superior. Dêstes males o mais

evidente é a falta de adequação deste ensino à realidade brasileira. ... Não faltam recursos às Universidades. Falta-lhes, isto sim, espírito científico, liberdade administrativa e curricular, melhor entrosamento de seus Institutos

e Faculdades, maior imersão no meio a que deveriam servir. Sobretudo, torna-se necessário que se polície a criação, pelo Estado, de novas unidades de ensino superior, antes que as já existentes sejam devidamente aparelhadas e atualizadas culturalmente».

NOTICIÁRIO

Carência de Engenheiros

Apesar da necessidade premente de maior número de engenheiros, principalmente nos setores de metalurgia, geologia, mecânica, industrial, eletrônica e naval, houve em 1961 um acréscimo de apenas 602 matrículas em tôdas as escolas superiores de engenharia do país.

Há um movimento no sentido de aumentar o número de vagas nas escolas especializadas para atender problema de formação de pessoal tão reclamado pela indústria.

No início do ano letivo de 1961,

de acôrdo com dados do Serviço de Estatística da Educação e Cultura, achavam-se matriculados 11 423 universitários nos diversos cursos de formação de engenheiros, o que representa um acréscimo de 602 ma-

trículas em relação ao ano anterior.

Segundo às várias especializações do curso de engenharia 5 270 eram civis, 1 436 mecânicos, 1 243 eletricitistas, 726 químicos, 438 mecânicos eletricitistas, 336 geólogos, 195 metalurgistas, 189 de minas e metalurgia, 138 navais, 136 de eletrônica, 116 de aeronaves e aerovias, 111 industriais, 78 metalurgistas e de minas, 65 de petróleo, 59 civis e industriais, 58 de minas, 34 mecânicos e metalurgistas, 6 civis e de minas e 389 de curso fundamental.

No último decênio (1952-61), verificou-se aumento nos cursos especializados, cujas matrículas, que em 1961 atingiram 6 153 contra 1 828 em 1952, já ultrapassaram as do curso de engenharia civil, tendo em vista a demanda de técnicos especializados. Concluíram o curso em 1960 1 521 engenheiros, dos quais 731 civis, 163 mecânicos, 121 eletricitistas, 102 civis e eletricitistas, 75 de aeronáutica, 65 químicos, 34 metalurgistas, 33 geólogos, 32 mecânicos e eletricitistas, 31 de aeronaves e aerovias, 25 civis e industriais, 25 de eletrônica, 21 civis, de minas e metalurgia, 15 de petróleo, 15 metalurgistas e de minas, 11 navais, 9 de minas, 6 químicos industriais e 5 civis e de minas, 1 industrial e 1 mecânico e metalurgista.

Latino-Americanos na Alemanha

No primeiro semestre de 1961, nada menos de 829 estudantes da

América do Sul e Central estavam matriculados em escolas alemãs.

O Brasil com 39 bolsistas e a Argentina com 26 lideravam o grupo. Além destes contavam-se 17 da Colômbia, 15 da Bolívia, 12 do Equador, 8 do Haiti e 8 do Uruguai, 7 da Venezuela, 6 do Paraguai, 4 da Costa Rica, Cuba, República Dominicana e Guatemala, respectivamente, e vários outros.

O número de bolsas distribuídas pelo Serviço de Intercâmbio Acadêmico para os países ibero-americanos desde 1953-54 chegou quase a sextuplicar-se; em alguns países aumentou até 10 a 14 vezes. Naquela época era de 44 o número de bolsistas latino-americanos.

O Serviço de Intercâmbio Acadêmico tomou como objetivo fortalecer todas as relações culturais em campo acadêmico. Neste item está compreendido também o intercâmbio de cientistas e catedráticos. No primeiro semestre de 1961 vieram 66 cientistas de países ibero-americanos para uma estada de estudos na República Federal Alemã. O Brasil esteve novamente à frente com 17 cientistas, seguido da Argentina, com 15, do Uruguai com 13 e o Chile com onze.

«Fausto»

O Instituto Cultural Brasil-Alemanha encerrou as suas atividades de 1961 com um ciclo de estudo e

divulgação do **Fausto**, de Goethe, em três dias consecutivos, no Rio de Janeiro.

O professor Garcia de Miranda Neto fez uma palestra sobre a evolução do tema do **Fausto** — Do livro popular à objetiva cinematográfica.

O Teatro de Bonecos apresentou **Die Hohnsteiner**, da Antiga Comédia de Bonecos do Dr. Fausto, com a versão a que Johann Wolfgang Goethe assistiu no Século XVIII e que o inspirou na criação da sua obra imortal.

Finalmente, foi exibido o filme em cores, **Tragédia de Fausto**, com o texto de Goethe, interpretada pelo elenco da Schauspielhaus de Hamburgo, sob a direção de Gustav Gruendgens, que faz o papel de Mesfistófeles.

Prêmio Itamarati

Em novembro, chegaram ao Brasil 38 alunos latino-americanos dos Centros de Estudos Brasileiros mantidos pelo governo brasileiro em diversos países da América Latina.

Esses alunos, que mais se distinguiram nesses cursos, ganharam o Prêmio Itamarati — uma viagem de recreio pelas principais cidades do Brasil.

Fertilidade

Estêve no Brasil, tendo visitado o Rio de Janeiro, Brasília e São Paulo, onde realizou conferências, o professor R. A. Wenner, catedrático de ginecologia da Facul-

dade de Medicina, Universidade de Basileia, Suíça.

No Rio de Janeiro, o professor Wenner, redator da revista médica **Gynaecologia** e secretário para a Suíça da International Fertility Association, fez uma palestra na Academia Nacional de Medicina sobre «endocrinopatias extragenitais como causa de esterilidade».

Abdel Aziz Iss-hak

Estêve no Brasil, tendo realizado conferências e mantido contato com diplomatas e intelectuais brasileiros em diversos Estados, o professor egípcio Abdel Aziz Iss-hak, conselheiro para questões africanas do Ministério do Exterior do seu país e catedrático de Literatura Egípcia na Universidade de Khartum (Sudão).

Perito em problemas econômicos, sociais e políticos do seu continente, o professor Abdel Aziz preside a Associação Africana e a Sociedade de Cultura Africana e é redator-chefe da revista **Renascença da África**.

Relações Públicas

Em dezembro, a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro diplomou a primeira turma do seu Curso de Opinião e Relações Públicas, organizado pelo coordenador do Curso de Jornalismo da PUC, Walter Poiares.

O curso, de nível universitário, serviu de experiência para a cria-

ção do Instituto Superior de Processos de Comunicação.

Saúde Escolar

Encerrou-se, em dezembro, o Curso de Aperfeiçoamento e Especialização em Saúde Escolar, promovido pela Diretoria dos Cursos do Departamento Nacional da Criança, do Ministério da Saúde.

O curso constou de 196 aulas expositivas, 24 conferências e 14 visitas a organismos, repartições e institutos especializados.

Completaram o curso 51 alunos — 15 médicos, 19 enfermeiros, 11 professoras, 3 assistentes sociais e 3 dentistas — contando-se entre eles 11 bolsistas do Amazonas, do Maranhão, do Ceará, da Bahia, de Sergipe, de Mato Grosso e de Brasília.

Administração Escolar

A Associação Americana de Administradores Escolares, que é um departamento da National Education Association dos Estados Unidos (1201 Sixteenth Street, N. W., Washington 6, D. C., USA), realiza, entre 17 e 21 de fevereiro de 1962 uma Convenção Nacional em Atlantic City, Nova Jersey.

A sede da Convenção, as reuniões e as exposições serão no Convention Hall de Atlantic City.

Publicações da UNESCO

O Serviço de Publicações da Fundação Getúlio Vargas (Praia de Botafogo, 186, Rio) está encarre-

gado da venda de publicações da UNESCO no Brasil, podendo-se endereçar quaisquer encomendas de livros e periódicos dessa organização internacional à Caixa Postal 4081, Rio de Janeiro.

No tocante à educação, a UNESCO publica, trimestralmente, três revistas — *Revue Analytique d'Éducation*, *Éducation des Adultes et de la Jeunesse* e o boletim *Project Principal d'Éducation*, editados tanto em francês como em inglês e espanhol.

Academia Brasileira de Ciências

De acordo com os relatórios para 1959 e 1960, foram feitas à Academia Brasileira de Ciências, nesses dois anos, 178 comunicações científicas, enquanto os seus *Anais* publicavam 109 trabalhos científicos originais.

Comunicações e trabalhos referiam-se às ciências biológicas, físicas, geológicas, matemáticas e químicas.

Em 1959 e 1960, o total de comunicações foi, respectivamente, 106 e 72; o de trabalhos científicos publicados nos *Anais*, respectivamente, 62 e 47.

As ciências biológicas deram a maior contribuição nas comunicações (72) e nos trabalhos originais (48).

Bolsistas Africanos

Um avião da FAB viajou para Dakar, a fim de trazer para o Brasil os primeiros bolsistas afri-

canos que, pelo menos durante um ano, estudarão nas Universidades brasileiras, de acordo com o programa nacional de ajuda cultural à África.

Os bolsistas procedem do Senegal e da Nigéria. São eles:

Senegal:

Clette Simone Dialle
Messan Geoffrey Ansen
Émile Désiré Clegeudeu
Claude René Créé
Cristóvão Morais do Nascimento
Paul Stame Ewane
Gilles Guy René Yamajake
Augustin Guétinau Chédji

André Ferdinand Salla
Gil Vicente Vaz Fernandes

Nigéria

Maurice Ikechukwu Okêrêke
Abiedun Fashine
Akinkunmi Oladepé Akimpelu
Francis Abiedun Oni
Olufeni Kehuide Onajin

Posteriormente chegaram mais cinco bolsistas procedentes de Ghana, e já em janeiro deste ano aproveitavam o período de férias para fazer um curso intensivo de português na Universidade da Bahia.

MUNDO UNIVERSITÁRIO

Universidade de Brasília

O Congresso Nacional aprovou o projeto de lei que institui a Fundação Universidade de Brasília.

De acordo com o projeto, o patrimônio da Fundação será constituído:

- a) pela dotação de um bilhão de cruzeiros e pelas rendas das ações ordinárias nominativas (pertencentes à União) da Companhia Siderúrgica Nacional;
- b) pelas obras de urbanização e de instalação de serviços públicos na área da Cidade Universitária, a serem realizadas pela NOVACAP;
- c) pelos edifícios necessários à instalação e funcionamento da administração, da Biblioteca Central, da Estação Radiodifusora, do Departamento Editorial e do Centro Recreativo e Cultural, a serem construídos pela NOVACAP;

d) pelos terrenos destinados, no Plano Pilôto, à construção de uma Universidade em Brasília;

e) pelos terrenos de 12 superquadras urbanas, em Brasília, que lhe serão doados pela NOVACAP;

f) «pela metade dos lucros anuais da Rádio Nacional, que serão aplicados na instalação e manutenção da Rádio Universidade de Brasília»;

g) pela dotação de 50 milhões de cruzeiros, destinados a constituir um fundo rotativo para a edição de obras científicas, técnicas e culturais de nível universitário;

h) pelas doações e subvenções que lhe venham a ser concedidas ou feitas pela União, pelo Distrito Federal e por entidades públicas e particulares;

i) por recursos orçamentários, sob a forma de dotação global, para manutenção da Fundação.

Instituto de Ciências Sociais, Universidade da Bahia

O Grupo de Trabalho sobre Pesquisa Social na Bahia preparou um anteprojeto de criação do Instituto de Ciências Sociais da Universidade da Bahia, destinado à pesquisa e à renovação do ensino nesse campo do conhecimento humano.

Transcrevemos parte do anteprojeto:

Um Centro de Estudos em Ciências Sociais

O problema imediato quanto às Ciências Sociais na Bahia está (...) em integrar e dar continui-

dade no tempo aos esforços de conhecimento e solução dos problemas a que as mesmas se endereçam. A solução está em criar-se um dispositivo que permita articular as diversas fases do trabalho em Ciências Sociais.

1. Um órgão que responda portanto às seguintes necessidades:

- a) pesquisa social;
- b) ensino básico e de aperfeiçoamento;
- c) assessoria técnica;
- d) divulgação de conhecimentos em Ciências Sociais.

2. Espera-se que a existência de um órgão permanente, tomando a si conjuntamente tôdas estas tarefas ofereça condições para:

- a) continuidade no trabalho em Ciências Sociais na Bahia;
- b) integração entre ciência e problema, teoria e pesquisa;
- c) coordenação de esforços no campo de Ciências Sociais, evitando duplicação e dispersão de esforços;
- d) aperfeiçoamento e flexibilidade na formação de técnicos em Ciências Sociais;
- e) melhor informação sobre as Ciências Sociais.

Articulação Institucional

1. Um órgão desta natureza — um **Instituto de Ciências Sociais** — deverá ligar-se à Universidade da

Bahia, enquadrando-se como peça de nova estrutura da mesma. Mais precisamente, o Instituto:

a) deverá ser parte integrante do Setor de Ciências Sociais da Universidade da Bahia;

b) deverá dispor de uma verba anual que lhe caberá regeer, mediante a supervisão de um conselho, cuja composição será estudada oportunamente;

c) suas funções diretivas deverão caber a técnicos competentes em Ciências Sociais, escolhidos segundo suas qualificações técnicas e independentemente de sua vinculação presente com a Universidade;

d) deverá ter autonomia para realizar convênios e contratar pesquisas e programas de treinamento com órgãos da Universidade e com entidades outras;

e) deverá organizar o trabalho de seu quadro permanente de técnicos e estagiários sob o regime de dedicação exclusiva.

O Instituto em projeto se coaduna com o espírito da Declaração de Princípios da Reunião de Reitores das Universidades Brasileiras, firmada recentemente em Brasília.

Etapas de Desenvolvimento do Instituto

O Instituto em projeto terá outras responsabilidades no futuro, conforme se verá adiante. No momento convém escalar em detalhe apenas um programa de atividade

des a serem realizadas por etapas, de acôrdo com as necessidades mais imediatas do meio e com as exigências de preparação do próprio Instituto para sua plena atividade.

1. Concebe-se como necessidades imediatas do meio:

a) realização de pesquisas para a Universidade e outros órgãos públicos;

b) preparo e aperfeiçoamento de pessoal em Ciências Sociais;

c) divulgação de conhecimentos em Ciências Sociais.

2. Concebe-se como necessidades de preparação do Instituto:

a) formação de pessoal;

b) criação de uma Biblioteca de Ciências Sociais;

c) início de um Serviço de Documentação.

O anteprojeto prevê um programa intensivo de treinamento de pessoal, a criação de uma biblioteca de Ciências Sociais e de um serviço de documentação, a realização de pesquisas e um programa de extensão universitária para melhorar o ensino dessas ciências.

Vagas na UMG

Atendendo ao apêlo do Ministério da Educação por maior número de vagas nos cursos superiores, três unidades da Universidade de

Minas Gerais aumentaram as oportunidades para os vestibulandos em 1962:

Faculdade de Filosofia — de 360 para 600 vagas.

Faculdade de Medicina — de 80 para 100 vagas.

Escola de Engenharia — 100 vagas nas primeiras séries dos cursos de graduação.

Faculdade de Direito do Vale do Paraíba

Foi inaugurado, a 19 de novembro, em São José dos Campos, SP, o novo edifício da Faculdade de Direito do Vale do Paraíba, de que é diretor o professor Cândido Dias Castejón.

O Ministro Oliveira Brito presidiu a solenidade de inauguração.

Universidade Federal de S. Paulo

A Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados aprovou, nos termos do substitutivo elaborado pelo relator Lauro Cruz, projeto de lei segundo o qual a Universidade Federal de São Paulo, criada pela lei nº 3835, de 13 de dezembro de 1960, passa a denominar-se Fundação Universidade Federal de São Paulo.

A Fundação terá sede no município de São Carlos e se regerá por estatutos aprovados por decreto do Presidente do Conselho de Ministros. Entidade autônoma, adquirirá personalidade jurídica a partir da inscrição, no Registro Civil das Pessoas Jurídicas, do seu ato cons-

titutivo, com o qual serão apresentados os estatutos e o decreto que os aprovar.

Manter-se-á a Fundação com os rendimentos do seu patrimônio, complementados, anualmente, pela União, com recursos consignados no orçamento federal, sob a forma de subvenção global e de bolsas de estudo.

Integrarão o conjunto de institutos centrais, além de outros, os seguintes, a serem instalados progressivamente — Matemática, Física, Química, Biologia, Geografia, Ciências Humanas, Letras e Artes.

Inicialmente a Universidade se constituirá dos seguintes estabelecimentos — Escola Paulista de Medicina, Escola de Enfermagem do Hospital de São Paulo, Faculdade de Medicina de Campinas (cuja instalação o projeto autoriza), Faculdade de Direito de Sorocaba, Faculdade Municipal de Ciências Econômicas de Santo André e Conservatório Dramático e Musical de São Paulo.

A Universidade gozará de autonomia didática, administrativa, financeira e disciplinar.

Curso de Cinema

A Universidade Católica de Minas Gerais instituiu um Curso de Cinema, em nível universitário, com vestibular (entrevista pessoal e exame de cultura geral), em 1962.

O curso, com a duração de um ano, terá onze cadeiras distribuídas do seguinte modo:

- a) Matérias principais
Técnica
Estética
Análise e Crítica
- b) Matérias complementares
História
Cine-Clubismo
Cinema e Educação
Psicologia do Cinema
Didática
- c) Matérias auxiliares
Filosofia da Arte
História da Arte
Arte Dramática

O curso funcionará à noite.

Universidade de Goiás

Em 1962 três novas unidades da Universidade Federal de Goiás entrarão em funcionamento — o Instituto Médico-Legal, o Instituto de Belas Artes e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Faculdade de Medicina, SP

O governador paulista aprovou o relatório apresentado pelo Reitor Ulhoa Cintra, da Universidade de São Paulo, acerca da instalação de duas novas Faculdades de Medicina no Estado:

— Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu — funcionando em janeiro de 1962 o hospital e os cursos em 1963;

— Faculdade de Medicina de Campinas — a funcionar já em 1963.

O governador Carvalho Pinto concordou também com o plano do Reitor «de aumento do número de vagas nas Faculdades de Medicina existentes, estaduais ou não».

Somadas, essas vagas equivalem, praticamente, a uma nova Faculdade.

Escola de Veterinária, UMG

A 14 de novembro foi lavrada a escritura de doação de bens da Escola Superior de Veterinária da Universidade Rural do Estado à Universidade de Minas Gerais.

Esta foi a derradeira etapa do processo de federalização da Escola de Veterinária, agora integrada na UMG.

Além do imóvel-sede da Escola, situado à Avenida Amazonas, com área construída de mais de 5 000 m², avaliado em cerca de 80 milhões de cruzeiros, foram transferidos ao patrimônio da UMG um terreno de 70 000 m², no valor de 35 milhões, equipamentos e instalações no valor de 109 milhões e apólices estaduais no valor nominal de 41 milhões. A doação — calculada em bases modestas — acrescentou perto de 300 milhões ao patrimônio da Universidade de Minas Gerais.

Escola de Educação Física, SP

Criada pelo governo do Estado de São Paulo pelo dec. nº 4 855, de 27 de janeiro de 1931, e reconhecida pelo governo da União pelos dec. nº 5 723, de 28 de maio de 1940, e 16 531, de 6 de setembro de 1944,

a Escola de Educação Física do Estado de São Paulo (rua Manuel da Nóbrega, 1361, Ginásio Estadual do Ibirapuera, SP) mantém cinco cursos, que são os seguintes, com os diplomas respectivos:

— Curso Superior de Educação Física — Diploma de Licenciado em Educação Física.

— Curso de Normalista Especializado em Educação Física — Diploma de Professor Normalista Especializado em Educação Física.

— Curso de Técnica Desportiva — Diploma de Técnico Desportivo.

— Curso de Medicina Especializada em Educação Física — Diploma de Médico Especializado em Educação Física.

— Curso de Massagem Especializada em Educação Física — Diploma de Massagista Especializado em Educação Física.

A Escola de Educação Física está incorporada ao Sistema Estadual de Ensino Superior pela lei nº 5 101, de 30 de dezembro de 1958.

Abono de Faltas

O Ministro da Educação assinou portaria concedendo abono de faltas aos alunos de institutos de ensino superior, entre 25 de agosto e 9 de setembro, não sendo considerados dias letivos aqueles em que as aulas funcionaram irregu-

larmente ou foram suspensas, durante a recente crise política.

Biblioteca da Faculdade de Medicina, UB

O professor Francisco Bruno Lobo, diretor da Faculdade Nacional de Medicina, UB, declarou à imprensa carioca estar empenhado na «pronta reconquista» do patrimônio da biblioteca da Faculdade, que, com um acervo de mais de 75 000 volumes, ocupa o quarto andar (área de 800 m²) do prédio em que funciona o estabelecimento, na Praia Vermelha.

O diretor da Faculdade, impressionado com «o precário estado de conservação» da biblioteca, — «uma das mais importantes bibliotecas do país», — entrou em entendimentos com o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação e com o Conselho Nacional de Pesquisas visando à recuperação do seu patrimônio.

Universidade do Norte Fluminense

Estudantes secundários e superiores de Campos, RJ, estão liderando um movimento visando à criação da Universidade Federal do Norte Fluminense, com sede em Campos.

A cidade, onde já funcionam uma Faculdade de Direito e uma Faculdade de Filosofia, conta com uma população escolar, de nível primário e secundário, de 40 000 estudantes (16 % da população do muní-

cípio), e é considerada o centro cultural e a cidade-líder de uma vasta região, que envolve os municípios de Porciúncula, Natividade, Miracema, Pádua, Itaocara, Cambuci, São Fidélis, Bom Jesus do Itabapoana, São João da Barra, Itaperuna e Macaé. Esses municípios, que, com o de Campos, têm uma população escolar de nível primário e secundário de cerca de 100 000 estudantes, já se solidarizaram com a campanha dos estudantes de Campos.

O movimento tem por objetivo imediato a criação das Faculdades de Odontologia, Farmácia, Engenharia, Medicina e Enfermagem. A Universidade Federal do Norte Fluminense se constituiria dessas Faculdades e, mais, das já existentes, de Direito e de Filosofia.

Os prefeitos e vereadores do Estado do Rio, reunidos no V Congresso Fluminense dos Municípios, apoiaram, por unanimidade, o movimento, decidindo encaminhar um pedido de providências imediatas ao **premier** e ao Presidente da República.

Urbanismo

Em substituição ao professor Luís Inácio Romeiro de Anhaia Melo, recentemente aposentado, assumiu a direção do Centro de Pesquisa e Estudos Urbanísticos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP o professor Lauro Bastos Birkholz, regente de cátedra de Urbanismo.

Um técnico do Centro, o engenheiro Rubens de Matos Pereira,

está estagiando em Londres, com bolsa concedida pelo Conselho Britânico.

Instituto de Geologia, Recife

Em março de 1962, segundo declarou à imprensa pernambucana o professor Ivan Loureiro, seu diretor, o Instituto de Geologia da Universidade do Recife terá «novas e amplas instalações», devendo estar em pleno funcionamento os equipamentos de pesquisa e os novos gabinetes de Sedimentologia, Geoquímica, Geologia Econômica e Beneficiamento de Minérios.

Os equipamentos, adquiridos nos Estados Unidos, devem chegar ao Recife em fins de fevereiro.

O edifício do Instituto, em fase final de construção, ergue-se numa área de 250 metros quadrados.

Universidade do Sul de Minas

Está sempre surgindo e ressurgindo a idéia da criação da Universidade do Sul de Minas.

Com a criação da Faculdade de Direito de Pouso Alegre, a questão volta à baila, acentuando o periódico **O Machadense**, da cidade de Machado, — segundo informa **O Diário**, de Belo Horizonte (1/12), — que a região conta, desde já, com importantes elementos para a efetivação da Universidade.

Além do estabelecimento de ensino de nível superior de Pouso Alegre, já existem outros — a Escola de Farmácia e Odontologia de

Alfnas (que já diplomou mais de 1400 profissionais), o Instituto Eletrotécnico de Itajubá, a Escola de Agronomia de Lavras, a Escola de Eletrônica de Santa Rita do Sapucaí.

Outras unidades de ensino superior — Faculdades de Medicina,

Filosofia, Arquitetura e Ciências Econômicas, um Instituto de Música e Belas Artes e uma Escola de Educação Física poderiam ser criadas em cidades progressistas da região, como Poços de Caldas, Varginha, Machado, Três Corações, Ouro Fino e outras.

ASPECTOS INTERNACIONAIS DA EDUCAÇÃO

John Dewey e a Educação Progressiva

M. I. Berger, do State College for Teachers de Albany, Nova York, considera «irônico» que John Dewey permaneça, atualmente, no centro de um conflito na educação americana:

«O homem que se dedicou à tarefa de reconciliar posições aparentemente antitéticas em educação provocou uma nova era de conflito. Há vários motivos pelos quais Dewey se tornou e permanece uma figura controversa. Primeiro, a obscuridade de alguns dos seus escritos fez com que muita gente o compreendesse mal. Segundo, há muitos que, acreditando sinceramente que seguem as idéias de Dewey, produziram novas concepções que contradizem ou se afastam das crenças dele. (Em parte Dewey é o culpado disso, pois dei-

xou muitas questões sem resposta. Com efeito, os seus escritos educacionais deixaram a outros a incumbência de descobrir as conseqüências explícitas das suas idéias). Contudo, essas idéias, embora muitas vezes não concordem com as do filósofo, foram identificadas com a sua concepção da educação. Finalmente, muitos há que atacaram Dewey, mas jamais se deram ao trabalho de ler e examinar os seus ensinamentos».

Berger examina a posição educacional de Dewey, dizendo que o

erro mais comum é o de considerá-lo o pai da Educação Progressiva e, conseqüentemente, o de responsabilizá-lo por tudo o que esse movimento produziu:

«Na realidade, a Educação Progressiva foi, em grande parte, independente das idéias de Dewey. Muita gente se surpreenderá ao saber que Dewey dedicou boa parte dos seus esforços a criticar os princípios básicos da Educação Progressiva. Uma das mais importantes contribuições do filósofo americano foi a tentativa de reconciliar progressivistas e tradicionalistas, demonstrando que ambas as filosofias eram vitais no esquema da educação».

Dois obras de Dewey, principalmente, revelam essa tentativa — *The Child and the Curriculum* (1902) e *Experience and Education* (1938).

Que é mais importante — a criança ou o currículo? Os progressivistas dirão que a criança, com tôdas as suas necessidades e interesses, deve ser respeitada acima de tudo; personalidade e caráter, liberdade e iniciativa, espontaneidade e mudança — tais são os pontos-chave dos progressivistas. Os tradicionalistas, por outro lado, dão importância ao currículo, à herança do passado, às experiências da humanidade; o conhecimento e a informação, a orientação e a disciplina, o antigo e o passado — tais são os valores no campo tradicionalista. Quem está certo? Berger lembra que Dewey escreve

(*The Child and the Curriculum*) que ambas as escolas, no seu lugar próprio, estão corretas:

«Abandonemos a noção da matéria como algo fixo e preparado de antemão, fora da experiência da criança; deixemos de pensar na experiência da criança como alguma coisa de sólido e estável; vejamo-la como algo fluente, embrionário, vital; e compreenderemos que a criança e o currículo são apenas dois limites que definem um único processo. Assim como dois pontos definem uma linha reta, assim o atual ponto de vista da criança e dos fatos e verdades dos estudos definem a instrução. É uma reconstrução contínua, que se movimenta para aquela representada pelos corpos organizados de verdades que chamamos estudos».

Para Dewey, pois, tanto a criança como o currículo são importantes no processo educativo. O problema não é escolher uma ou outra, mas descobrir um meio de levar a criança, com tôdas as suas experiências, a entender e a assimilar a riqueza da nossa cultura.

Dewey tentava evitar a formulação de problemas educacionais em termos desta ou daquela filosofia. No seu contexto próprio, ambas eram justas; em contexto falso, eram erradas. A educação tradicional, acentuando o currículo sem consideração pelo aluno, cometia um engano; a educação progressiva, ao dedicar tôdas as suas energias à criança, ignorando tôda

autoridade externa e a importância da matéria, igualmente se enganava. Acima de tudo, não se devia prestar obediência a uma ou outra filosofia apenas por causa do seu nome. Válida era apenas a causa da melhoria da educação.

Berger diz que, parece, pais e educadores encararam Dewey e a sua filosofia de três maneiras diferentes: 1) alguns se detiveram antes de alcançar Dewey, admitindo, sem exame, que não devia ser lido, quanto mais seguido; 2) outros passaram além de Dewey sem se deter para examinar as suas idéias — contentaram-se com o que acreditavam que fôsse a verdadeira Educação Progressiva, embora, na realidade, as suas idéias nem de longe se relacionassem com as de Dewey; 3) não muitos estudaram os escritos de Dewey, examinando as suas idéias à luz das condições atuais, julgando o seu valor e construindo novos programas de ensino que em parte aceitam e em parte modificam as concepções do filósofo.

Nesta terceira maneira de encarar Dewey está a esperança de melhoria inteligente da prática educacional americana. Muitos dos seus ensinamentos não se efetivaram — «as nossas escolas têm deramado vinhos novos em garrafas velhas». Berger reconhece, porém, que o programa educacional de Dewey é «fantásticamente difícil» de realizar:

«No seu esquema, todo um clima — o clima democrático — emerge. Perdemos a perspectiva da finalidade das nossas escolas quando

pensamos que a sua única missão é transmitir, do melhor modo possível, mais e mais conhecimentos factuais. ... O que também devemos lembrar é que estamos tentando educar pessoas para um estilo de vida e de maneira que reflita êsse estilo de vida. Os fatos, por si sós, jamais farão homens livres. Nem pode qualificar-se de democrática uma sociedade que crie uma elite exclusiva de inteligentes. Eis aqui o cerne de toda a filosofia de Dewey: um sistema de educação que melhor reconheça a dignidade e o valor de todos os indivíduos, que permita a toda pessoa desenvolver-se ao máximo e que ensine as virtudes da democracia através do estabelecimento de uma atmosfera democrática».

Finalmente, escreve Berger, é preciso «corrigir e modificar» Dewey, que, se ressuscitasse, seria talvez o primeiro a fazê-lo, — a sua base metafísica, a suposição de que vivemos num mundo dinâmico em que as condições e as idéias mudam... Dewey também não pôde prever a era atômica que acentuou as ansiedades da juventude em relação ao amanhã, nem tornou explícitas as diferenças nos diversos níveis de ensino:

«As crianças aprendem como crianças, mas os adolescentes têm problemas e interêsses diferentes e, do mesmo modo, não se pode ensinar a adultos como se ensina a crianças. Não pode haver um método que resolva os problemas da «educação». Cada nível necessita de encontrar a sua própria maneira de ensinar. Igualmente impor-

tante, cada escola necessita compreender a singularidade dos seus estudantes e criar um programa educacional adequado para essa escola e êsse tempo».

Dewey continua a ser uma figura «seminal» na história do pensamento educacional moderno — encontrou novas maneiras de resolver antigos problemas e fundiu, numa unidade sistemática, a democracia e a educação. Grande pensador, Dewey precisa ser «lido, compreendido e modificado».

Fonte de Proteínas

Farinha de peixe — eis um suplemento alimentar, barato, sem gôsto, que constitui um grande potencial para acabar com as deficiências de proteína em nações em desenvolvimento.

Sadia, sem paladar, a farinha de peixe tem sido produzida em várias partes do mundo desde fins do Século XIX, mas ultimamente tem assumido significação especial a descoberta de sérias deficiências de proteína em muitas dietas nacionais.

São inúmeras as suas vantagens. É barata e altamente concentrada. Não se estraga, mesmo em climas quentes e úmidos. Como pode ser produzida virtualmente sem paladar, é compatível com uma variedade de preferências de dieta. Em pequena quantidade, mas com o mesmo valor alimentício, passa

despercebida como suplemento na fabricação de pão e no preparo de outros cereais, que são as pedras angulares da dieta naquelas nações mais afligidas por deficiências de proteína.

Os problemas técnicos e de produção devem ser vencidos primeiro, acentua Science (29/9), mas êsses problemas certamente se revelarão de menor importância em comparação com as dificuldades de distribuição, de colocação nos mercados e de educação do consumidor.

Universidade de Heidelberg

A Universidade Ruprecht-Karl, de Heidelberg, — a mais antiga das Universidades alemãs, fundada em 1386, — comemorou solenemente, em maio de 1961, o seu 575º aniversário.

Defeitos de Palavra

De acôrdo com os resultados de um inquérito realizado em 1959-60 nas escolas primárias e primárias-superiores de Viena, dos 5 706 alunos examinados, 1 019 crianças (portanto, 17,85 %) acusavam defeitos de palavra.

O mais comum desses defeitos era o sigmatismo (repetição viciosa do s e de outras letras sibilantes).

As estatísticas mostram que a percentagem das crianças atingidas por êsses defeitos diminui pro-

gressivamente no curso dos anos de escolaridade, passando de 30 % no primeiro ano para 9,65 % no oitavo.

Nova Universidade na Austrália

Em março de 1961 abriu as suas portas a segunda Universidade do Estado Australiano de Victoria — a Universidade Monash, criada pelo Parlamento em 1958.

O número de estudantes, no primeiro ano de funcionamento, se eleva a 450, dos quais 210 têm acesso aos laboratórios.

A Universidade Monash compreende cinco Faculdades — de Letras, de Ciências Econômicas, de Ciências Políticas, de Ciências Aplicadas e de Medicina.

Educação Feminina na Índia

Em conseqüência de recomendação do Conselho de Educação Feminina, o Ministério da Educação da Índia propôs diversos planos concernentes ao período 1961-66:

- a) desenvolvimento da educação primária, média e secundária;
- b) formação de maior número de professoras;
- c) criação de internatos para as alunas das escolas médias e secundárias;
- d) ajuda às organizações benéficas que trabalham em favor

da criação de centros de formação profissional e industrial para mulheres;

e) estabelecimento de institutos nacionais de ensino superior para moças.

Universidade Al-Azhar

Os planos para a modernização da Universidade Al-Azhar, sede milenar da cultura islâmica, prevêem a criação de três Faculdades — de Teologia, de Direito Shariet e de Cultura Árabe.

Quando reorganizada, a Universidade poderá conferir diplomas aos seus estudantes, com os quais estes poderão candidatar-se a postos administrativos em igualdade de condições com os diplomados de outras Universidades egípcias.

Colégio Universitário, North-Staffordshire

Uma experiência de educação liberal está em curso no Colégio Universitário de North-Staffordshire, no Reino Unido, — geralmente conhecido pelo nome de Keele.

A fim de criar um modo de vida tipicamente universitário, todos os professores e alunos moram no campus.

O curso, que se estende por quatro anos, é uma combinação de três programas especializados (**honours courses**) em humanidades,

ciências sociais e ciências experimentais. O diploma conferido é de especialização (**honors degree**) em dois grupos de disciplinas citadas, que todos os alunos devem conquistar.

O primeiro ano do curso, «ano de base», é consagrado à cultura geral e se destina a contrabalançar uma especialização demasiado apressada. Durante os três últimos anos, os alunos devem estudar duas matérias principais e duas matérias auxiliares, das quais uma, pelo menos, deve pertencer ao grupo das ciências e uma, pelo menos, ao grupo das humanidades e ciências sociais.

Assim, o Colégio Universitário de Keele se esforça por lançar uma ponte entre a cultura científica e a cultura humanista.

Línguas Modernas, Tunísia

O estudo das línguas modernas recebeu novo impulso a partir da reabertura, em dezembro de 1959, do Instituto Khaldunia de Línguas Modernas, na mesquita Zituna, em Túnis.

O Instituto era, outrora, uma associação cultural, mais tarde anexada à Universidade de Estudos Islâmicos.

Atualmente, o Instituto ensina treze línguas modernas, entre as quais o turco, o russo e o cingalês.

Excesso de Cientistas ?

Um recente Livro Branco prevê que, dentro de quatro anos, os efe-

tivos de cientistas e tecnologistas na Grã-Bretanha estarão muito bem equilibrados com a demanda, enquanto, dentro de dez anos, há a probabilidade de um excesso substancial de mão-de-obra qualificada.

Comentando esse Livro Branco, Timothy Raison (**New Scientist**, 19/10) escreve :

«Já houve um aumento na produção anual de homens qualificados — de 10 000 em 1955 para 16 500. Espera-se que a produção atinja 21 600 em 1965-66 e 31 600 em 1973-74. Por volta de 1970, espera-se que o total de cientistas e tecnologistas qualificados, disponíveis para emprêgo, seja de 346 000 — um aumento de não menos de 100 % sobre as cifras de 1959. Por que, então, o informe foi recebido com reservas por certo número de cientistas e administradores responsáveis? A resposta está em que temem que a perspectiva de um excedente possa levar a um arrefecimento na campanha de educação científica, que até agora produziu tão bons resultados; e, também, que possa desestimular os jovens de se tornarem cientistas».

Raison diz que o informe não justifica, de maneira alguma, a diminuição do programa educacional, nem sugere que a paridade entre a oferta e a procura, daqui a dez anos, esteja assegurada. Os seus prognósticos, sujeitos a importantes reservas, têm base inevitavelmente conjetural:

«A primeira das premissas em que o informe baseia a sua esti-

mativa de suprimento futuro é a de que haverá um número suficiente de egressos de escolas, desejosos e capazes de preencher os postos disponíveis nas Universidades e nos colégios. Em segundo lugar, admite-se que a provisão de postos científicos e tecnológicos se aproximará do total de 82 500 nas Universidades em 1971-72 e que 26 ou 27 000 estudantes estarão seguindo cursos de alto nível nos colégios superiores de tecnologia — aos quais se devem acrescentar os estudantes que seguem cursos de graduação ou de diplomação em outros colégios técnicos. Em terceiro lugar, admite-se que o ritmo atual de perdas por migração, morte, aposentadoria, casamento, etc., continui. Obviamente, qualquer dessas premissas pode revelar-se falsa».

Suponhamos, porém, escreve Raison, que os prognósticos sejam amplamente corretos — que, a seu tempo, se verifique considerável excedente de cientistas e tecnólogos. Seria isto mau? Este excesso de treinamento científico seria um desperdício do tempo de cientistas e tecnólogos e do dinheiro da nação?

O informe da Comissão de Mão-de-Obra Científica responde por si mesmo a essas indagações:

«Na nossa opinião, a possibilidade de que haja um excedente de cientistas em relação à demanda imediata de emprego deve ser bem acolhida. Deve tornar possível o

uso racional, e não de emergência, das disciplinas científicas. Deve significar que, afinal, teremos um suprimento de mão-de-obra qualificada, com treinamento científico, para a direção, a administração e as profissões em geral, além da que até agora tem sido recrutada inevitavelmente para o emprego vocacional. Não duvidamos de que a educação científica se ajustará a esta nova perspectiva; e que, do mesmo modo que somente certa proporção dos treinados em estudos clássicos e históricos esperou encontrar emprego nos seus próprios campos de estudos, uma proporção crescente dos treinados em disciplinas científicas especializadas obterá emprego fora delas. Pensamos que tanto a nação como a ciência beneficiar-se-ão com esse ajustamento. Acreditamos já haver indícios de que as Universidades estão pensando ao longo dessas linhas».

Raison vê nisto «uma razão vital» para continuar o programa de expansão — seria rematada loucura encontrar no informe uma excusa para relaxar a campanha de educação científica. Em 1956-57, a educação de um cientista ou tecnologista custava 500 libras, enquanto a de um entendido em artes ficava em 350. «É mais seguro ter cientistas de mais do que de menos. E, quando lembramos que a América, com uma população três e meia vezes maior do que a da Grã-Bretanha, gasta dez vezes mais em pesquisa e desenvolvi-

mento na indústria e emprega dez vezes mais cientistas e tecnólogos nesse processo, mal podemos imaginar que a Grã-Bretanha esteja em perigo de treinar mais cientistas do que necessita».

Escola Politécnica Germano-Egípcia

A República Federal da Alemanha e a República Árabe Unida (Egito) assinaram convênio para a criação, em comum, de uma Escola Politécnica no Cairo.

Podendo aceitar 3 000 estudantes, a Escola compreenderá quatro seções — Engenharia Civil, Arquitetura, Mecânica e Eletrotécnica.

Formar-se-ão na Alemanha 250 professores da RAU, enquanto 50 professores alemães seguirão para o Cairo, logo que o ensino possa ser ministrado normalmente, ou seja, por volta de outubro de 1962.

«Community College»

A questão da posição do «community college» entre as instituições de ensino superior nos Estados Unidos — escreve D. Grant Morrison, do Bureau de Educação (*The Journal of Higher Education*, nov. 1961), — não poderia ser discutida frontalmente há quinze anos e, mesmo nos últimos anos, tem havido quem diga que o «community college» ministra educação adiantada de nível secundário, e não superior, enquanto outros têm

insistido em que somente parte da educação que nêle se dá pode ser considerada de nível superior — os cursos transferíveis, que satisfazem as exigências para o grau de bacharel.

Atualmente, porém, a definição de educação superior parece ter ganho maior latitude. E é de perguntar-se até onde irá esta ampliação de horizontes. «Educação Técnica na Educação Superior», «Educação Comercial na Educação Superior» e «Educação de Adultos na Educação Superior» são títulos típicos de artigos de várias revistas.

«Haverá, ou há, aceitação da idéia de que os programas educacionais que exigem graduação na **high-school** como prerequisite devem ser classificados como educação superior? Talvez se possa encontrar um limite ainda mais baixo para a educação superior. Entretanto, sem melhor exame deste intrincado tópico, poderemos considerar adequadamente a posição do «community college» entre outras instituições educacionais superiores?»

O papel do «community college», tal como o definem leis, regulamentos e a prática, provê a quatro pontos:

1) Ministar, até o limite suburbano da comunidade, os dois primeiros anos de educação básica e transferível no nível do «college».

2) Dar treinamento técnico e vocacional, no nível do «college», a

fim de satisfazer as necessidades da comunidade, do estado e da nação.

3) Dar cursos de continuação para adultos interessados na sua própria melhoria como operários, membros de família ou cidadãos, especialmente no serviço social.

4) Dar conselho e orientação a estudantes incertos quanto aos seus objetivos educacionais e vocacionais ou que não tenham pessoas ilustradas na família ou que, por motivo de saúde ou de finanças, escolheram o «community college».

Assim, não há competição entre o «community college» e o «college» quadrienal ou a Universidade. Garantindo uma proporção crescente de trabalho de nível mais baixo, o «community college» libera os outros «colleges» e Universidades para que dêem mais ênfase ao trabalho de nível superior ou graduado. Isto não significa que todo o trabalho da divisão inferior se faça no «community college». É possível, porém, que 75 a 80% do discipulado dos «colleges» de sub-graduação em breve estejam nos «community colleges» naqueles Estados em que tais instituições podem ser alcançadas no trem suburbano.

O estudante que se transfere de um «community college» comporta-se pelo menos tão bem quanto o estudante, de capacidade semelhante, que chega ao «college» quadrienal ou à Universidade vindo diretamente da **high-school**.

O «community college» tem obrigação de dar oportunidades educacionais a quem delas possa be-

neficiar-se. Isto significa, para alguns, um programa de um ano, que leva diretamente à indústria; para outros, significa um programa técnico, que exige alta competência em matemática e ciências e suas aplicações a uma tecnologia especializada; para outros, finalmente, um programa de educação geral, de um ou dois anos.

O Lunik de Júlio Verne

A uma das crateras descobertas nas fotografias da face oculta da Lua, transmitidas pelo Lunik III, os astrônomos soviéticos deram o nome de Júlio Verne, em homenagem à sua fantasia **Da Terra à Lua** e sua continuação **Em Volta da Lua**, publicadas há mais de noventa anos.

Nigel Calder, que participou de uma conferência internacional sobre a Lua em Leningrado, em 1960, escreve (*New Scientist*, 29/12/60) que desde então andou relendo esses livros, à luz das modernas pesquisas espaciais e lunares e os declara «um passatempo muito compensador»:

Uma cápsula de alumínio, tripulada, foi disparada de um canhão de 900 pés de comprimento, embasado num pôço vertical, com o objetivo de atingir a superfície da Lua. A tripulação compunha-se de J. P. Barbican, presidente do Clube de Artilharia de Baltimore, do capitão J. D. McNicholl, perito em blindagem de Filadélfia, e M. Ardan, aventureiro francês. Estava encarregado das operações de

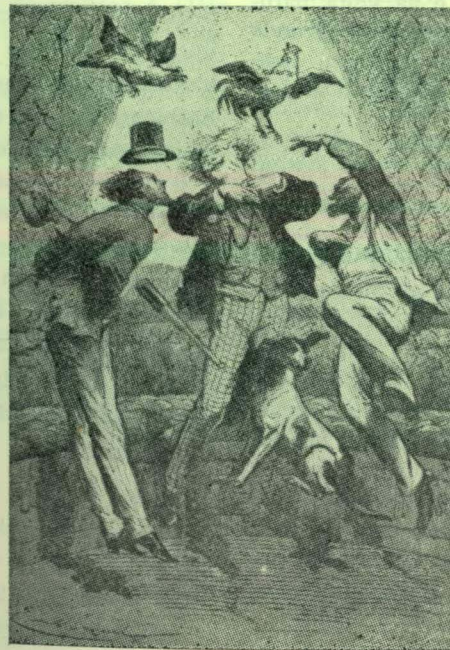
terra J. T. Marston, secretário do Clube de Artilharia.

Em conseqüência de uma quase colisão com um pequeno satélite natural da Terra, a 5 000 milhas acima do nosso planeta, o projétil se desviou ligeiramente do seu rumo e não atingiu a Lua, mas contornou-a, por trás, do seu polo norte para o sul, e regressou à Terra, a despeito das tentativas dos seus ocupantes de forçar a descida, utilizando retro-foguetes. O projétil bateu na proa do navio **Susquehanna**, a 250 milhas da costa da Califórnia, e afundou,

mas voltou à superfície, por ação das bóias que levava, e os seus tripulantes foram salvos por Marston e pelo navio atingido, duas semanas depois.

O mais notável, escreve Calder, é que o local escolhido por Barbican (ou Júlio Verne) para o lançamento foi Tampa, na Flórida, a apenas uma centena de milhas de Cabo Canaveral.

Franceses, russos, turcos, suecos e irlandeses contribuíram generosamente para o projeto, mas não os ingleses, não só porque o Observatório de Greenwich lhe negara



Viajantes do «lunik» de Verne — «Satélite», que não resistiu ao impulso inicial, teve seu cadáver atirado fora em pleno vôo, passando «como um foguete» ao longo do projétil.

qualquer possibilidade de êxito como porque o Reino Unido preferira respeitar o princípio de «não intervenção».

Houve um momento de intranquilidade quando em meio ao vôo, Barbican notou que a velocidade inicial calculada não previra o atrito da atmosfera. Felizmente, a carga de 400 000 libras de algodão de artilharia usada para disparar o projétil também lhe dera maior impulso do que se esperava. Alguns obstáculos foram afastados facilmente assim — o calor atmosférico na partida e na volta naturalmente não apresentou grande dificuldade, por ter o projétil atravessado com tanta rapidez a atmosfera.

Barbican encarou mais seriamente outros problemas. Ardan, ao chegar da França, propôs que o projétil, em vez de subir vazio, levasse um homem (êle mesmo, Ardan). Barbican e McNicholl decidiram acompanhá-lo. Uma experiência preparatória foi planejada para comprovar o efeito da concussão do disparo. Um gato e um esquilo foram disparados no obus de um morteiro de 32 polegadas, até uma altitude de mil pés. O obus caiu ao mar e foi recuperado por mergulhadores. O gato estava perfeitamente bem, após o vôo,

«mas o esquilo não apareceu. Esperaram por êle. Procuraram-no. Sacudiram o obus e o viraram de cabeça para baixo. Nada de es-

quilo. Não podia haver dúvida. O gato comera o seu companheiro de viagem».

Assim os animais figuraram nos experimentos espaciais de Júlio Verne. Os primeiros cães a viajar no espaço não foram Laika ou Strelka e Belka, mas Diana e Satélite, que acompanharam os três viajantes à Lua, juntamente com algumas galinhas que Ardan escondera a bordo a fim de soltá-las na Lua para surpresa dos companheiros. Infelizmente, Satélite não resistiu à violência do arranque inicial, a despeito do amortecedor hidráulico de choque inventado por Barbican para o chão do projétil. Numa alarmante operação, quando o projétil se encontrava em pleno espaço, os seus ocupantes calmamente abriram uma das janelas e atiraram fora o cadáver do animal. «com o máximo de cuidado e de rapidez, de modo a perder o menos possível de ar interno». Satélite passou ao longo do projétil «como um foguete».

Calder diz que Verne compreendeu, mas imperfeitamente, a falta de gravidade (*weightlessness*). Todo escolar de 1960 sabe que um veículo espacial em pleno vôo cai livremente e que a falta de gravidade é um fenômeno prolongado. Júlio Verne acreditava que ocorresse apenas no ponto neutro de

gravidade entre a Terra e a Lua e lhe deu apenas uma hora de duração. Quanto à natureza da superfície lunar, quando os exploradores se encontraram suficientemente perto para observá-la, Júlio Verne se mostra reservado: não obstante inclinar-se para a opinião geral de que não há vida na Lua e de que os relevos lunares testemunham a ação de vulcões há muito extintos, vê geleiras, um vulcão em atividade na face oculta da Lua e possivelmente, entrevistos à luz de um bólido, «verdadeiros oceanos».

Podemos dar de ombros à idéia da existência de formas adiantadas de vida na Lua, mas sabemos pouco mais acerca da natureza da superfície lunar do que Júlio Verne sabia, e só nos deve causar respeito a sua cautelosa discussão de um assunto ainda agora difícil de abordar.

A cabine do projétil era iluminada e aquecida a gás e o clorato de potássio dava o oxigênio — e nem mesmo os carros Pullman da Estrada de Ferro do Pacífico ul-

trapassavam a nave espacial «em sólido conforto».

Arqueologia

O Instituto de Arqueologia da Universidade de Londres (31-34, Gordon Square) oferece, na sessão de 1961-1962, os seguintes cursos, alguns iniciados já em outubro passado:

Arqueologia Européia

- a) pré-histórica
- b) das províncias romanas

Arqueologia ambiental

Ambiente e Geocronologia

Arqueologia da Ásia Ocidental

Arqueologia Indiana

Outros cursos serão também ministrados pelo Instituto — por exemplo, técnicas arqueológicas, antropologia para arqueólogos, conservação de material arqueológico, química de conservação, desenho, fotografia, prática de museus. Haverá um curso de treinamento em trabalho de campo e uma série de palestras públicas sobre diversos aspectos da arqueologia.

ATOS OFICIAIS

Professores Catedráticos

Foram nomeados professor catedrático (interinamente):

— de Economia Política, Escola de Engenharia, Universidade da Paraíba, — Otacilio Nóbrega de Queiroz;

— de Anatomia e Fisiologia Patológicas, Faculdade Nacional de Medicina, Universidade do Brasil, — Eduardo Carlos Pontes MacClure;

— de Geodésia Elementar — Astronomia de Campo, Escola Poli-

técnica, Universidade da Bahia. — Elbert de Menezes;

—de Literatura Brasileira, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de Alagoas. — Aloísio Américo Galvão;

—de Clínica Ginecológica, Faculdade Nacional de Medicina, Universidade do Brasil. — Álvaro de Aquino Sales;

—de Instituições de Direito Público, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade de Santa Catarina. — Elpídio Barbosa (a partir de 28/2/60);

—de Estatística, Economia Política e Finanças, Escola Politécnica, Universidade da Bahia. — Humberto Lírio da Silva (durante o impedimento do seu titular);

—de Portos de Mar, Rios e Canais, Escola Nacional de Engenharia, Universidade do Brasil. — Nahui Benévolo;

—de História do Brasil, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade da Paraíba. — José Pedro Nicodemos;

—de Clínica Odontológica, Faculdade de Odontologia, Universidade do Rio Grande do Sul. — José Inácio de Lima Teixeira;

—de Direito Judiciário Civil, Faculdade de Direito, Universidade de Minas Gerais. — Celso Agrícola Barbi;

—de Economia Política e Finanças, Escola de Engenharia, Universidade da Paraíba. — Joacil de Brito Pereira;

—de Complementos de Matemática, Faculdade de Ciências Econô-

micas, Universidade de Juiz de Fora. — Paulo Henriques;

—de Direito do Trabalho, Faculdade de Direito, Universidade da Bahia. — José Martins Catarina.

Legislação

Dec. nº 50 786 — 12/6/61 — Reconhece os cursos de Pedagogia e Letras Anglo-Germânicas da Faculdade Católica de Filosofia, Ciências e Letras de Petrópolis, RJ (D.O., 17/11/61).

Dec. nº 50 948 — 13/7/61 — Autoriza o funcionamento do curso de Música do Conservatório de Música de Pelotas, RS (D.O., 24/11/61).

Dec. nº 206 — 23/11/61 — Abre, no Ministério da Educação e Cultura, o crédito especial de Cr\$ 44 784 200.00 para atender às despesas decorrentes da criação da Universidade de Juiz de Fora, MG (D.O., 23/11/61).

Dec. nº 216 — 23/11/61 — Abre, no Ministério da Educação e Cultura, o crédito especial de Cr\$ 11 675 200.00 para atender às despesas decorrentes da federalização da Faculdade de Odontologia de Diamantina, MG (D.O., 23/11/61).

Diretores

Foram designados diretor, todos na Universidade da Bahia,

—da Faculdade de Odontologia. — Arnaldo Rodrigues da Silveira, catedrático de Metalurgia e Química Aplicadas;

—da Escola de Belas Artes. — Carlos Sepúlveda, catedrático de Arte Decorativa;

—da Faculdade de Ciências Econômicas. — Sandoval Leitão da Silva, catedrático de Organização e Contabilidade Bancária e Organização e Contabilidade de Seguros.

Aposentados

Foram aposentados os professores catedráticos

— Américo Repetto, Direito Administrativo, Faculdade de Direito, Universidade de Juiz de

Fora;

— Ari Borges Fortes, Clínica Neurológica, Faculdade de Medicina de Pôrto Alegre, Universidade do Rio Grande do Sul;

— Abel Elias de Oliveira, Farmácia Galênica, Faculdade de Farmácia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro;

— Délia Ferreira Lassance, Piano, Curso de Música, Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul;

— Odilon Pereira de Andrade, Mecânica Aplicada — Máquinas Hidráulicas, Escola de Engenharia, Universidade de Juiz de Fora.

PUBLICAÇÕES

Revista de Folclore

Está circulando o primeiro número, correspondente a setembro-dezembro de 1961, da **Revista Brasileira de Folclore**, órgão da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (rua Pedro Lessa, 35, 6º andar, Rio), do Ministério da Educação e Cultura.

Os folcloristas Luís da Câmara Cascudo, Joaquim Ribeiro, Rossini Tavares de Lima, Guilherme Santos Neves e Mário Ypiranga Monteiro assinam artigos de colaboração. Há uma parte de noticiário do movimento folclórico nacional, resenha de livros e periódicos especializados, etc. (112 p.). Dirige a nova publicação o professor Renato Almeida.

A **Revista**, quadrimestral, aceita assinaturas anuais para 1962 (Cr\$ 200.000).

Estudos Sócio-Econômicos

O Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (DIEESE), que desde maio de 1960 vinha publicando um **Boletim**, acaba de lançar a **Revista de Estudos Sócio-Econômicos**, com um primeiro número correspondente a setembro de 1961.

Remo Forli, Artur Avalone e José Albertino Rodrigues dirigem a **Revista**, que tem a sua redação à rua do Carmo, 171, sala 33, São Paulo (60 p.).

Odontofarma

Surgiu, em outubro de 1961, o primeiro número da revista **Odontofarma**, órgão oficial do Diretório Acadêmico da Faculdade de Odontologia e Farmácia da UMG (rua Conde Linhares, 141, Belo Horizonte), sob a direção de Badeia Marcos, Edward Felix Silva e Ozair Leite (74 p.).

A CAPES tem por fim a promoção de medidas destinadas ao aperfeiçoamento do ensino universitário e à melhoria, em qualidade e quantidade, do quadro de profissionais de nível superior do País.